

# A GUERRA CIVIL NA SÍRIA: ATORES, INTERESSES E DESDOBRAMENTOS

João Victor Scomparim Soares<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

O conflito que acontece hoje na Síria é complexo, envolvendo muitos grupos, alguns extremistas, como Estado Islâmico e a Frente al-Nusra, grupos rebeldes contra o governo, as forças armadas sírias, e instituições, como o Partido dos Trabalhadores Curdos (PKK), sem contar as coalizões externas que atuam ativa e diretamente na guerra civil.

O conflito remonta 40 anos, quando em 1970 aconteceu a tomada da presidência por Hafez al-Assad, pai do atual presidente sírio Bashar al-Assad, que abriu as portas para que muitos alauítas (crença pré-maometana, que representa 12% da população síria) assumissem postos-chave no governo. Desde então a questão do credo e do poder executivo se explicitou.<sup>2</sup> Essa atuação não se alterou em 2000 quando Bashar substituiu seu pai.

O ambiente para o conflito atual começou a se formar em Daraa, uma pequena cidade no sul do país, onde manifestações, motivadas pelos

ideais da Primavera Árabe (movimentos reformistas pró-democracia no Oriente Médio) foram fortemente reprimidos pelo governo. Tais manifestações foram se intensificando, e atingiram os grandes centros urbanos do país. Em março de 2011, jovens foram presos e torturados após terem sido detidos por pichar um muro com mensagens que veiculavam slogans revolucionários. O fato desencadeou uma série de protestos

em todo país que foram acompanhados por uma repressão violenta por parte do Estado. Assim, a resposta também violenta daqueles que se manifestavam resultou na formação de diversos grupos. Alguns eram seculares com ideais liberais e democráticos, outros com profundas raízes islâmicas conservadoras e extremistas, alguns com ideais etnocêntricos e separatistas, como os curdos, que apesar de combaterem igualmente



Combatente com bandeira do Estado Islâmico.

o governo não apresentam uma coe-rência entre si.<sup>3</sup>

Estava, assim, formado o cenário para a guerra civil.

A violência se intensificou mais e mais, até o ponto de que o conflito hoje é mais do que uma disputa entre grupos pró e anti-Assad. Adquiriu contornos sectários, jogando a maioria sunita contra o ramo xiita alauíta de Assad. E o avanço do EI deu uma nova dimensão à guerra.<sup>4</sup>

A oposição exigia a renúncia do presidente, que por sua vez

se recusou a renunciar, mas fez concessões para tentar aplacar os manifestantes. Ele encerrou o estado de emergência, que durava 48 anos, fez uma nova Constituição e realizou eleições multipartidárias. Mas as medidas não convenceram a oposição, que continuou combatendo e exigindo sua queda.<sup>5</sup>

## OS DIVERSOS GRUPOS DO CONFLITO SÍRIO

O conflito sírio é caracterizado por ser descentralizado e com muitas frentes e grupos envolvidos, no qual não se aplicaria a definição clássica de guerra. Há ainda quem o chame o de “nova Guerra Fria” ou “mini guerra mundial”.<sup>6</sup> Nesta guerra atuam diversos grupos, os quais especificaremos a seguir.

As forças do Governo Sírio são, basicamente, as forças armadas que se mantiveram leais ao atual regime do presidente alauíta Bashar al-Assad. Tem apoio dos governos russo e iraniano e do partido libanês Hezbollah.

Com relação aos grupos rebeldes, não há um grupo rebelde unificado com liderança e comando único definido. Os rebeldes são diluídos por

todo o território do país, contudo em sua maioria os grupos carregam o objetivo comum de remover o governo o presidente Assad do poder. Um dos principais grupos é o Exército Livre da Síria, formado por civis e militares desertores, que além de lutar por uma transição pacífica e democrática do poder, também são atores fundamentais na luta contra o Estado Islâmico, mantendo diversas regiões libertas.<sup>7</sup> Há ainda o Conselho do Comando Revolucionário, uma entidade que tenta unificar as facções e acabar com as divergências de mais de 70 grupos rebeldes sírios.<sup>8</sup> Estima-se haver cerca de 100 mil combatentes rebeldes, alguns com forte tendência extremista e com vínculos com a Al-Qaeda. Os grupos moderados têm o apoio principalmente dos Estados Unidos da América (EUA).<sup>9</sup>

A Jabhat Fateh al-Sham, também conhecida como Frente al-Nusra, é uma organização jihadista salafista opositora às forças do governo sírio, tendo como objetivo estabelecer um estado islâmico no país.<sup>10</sup> Segundo o vídeo de apresentação do grupo, a Frente al-Nusra se constitui de combatentes sírios, que voltaram de diversos *front de jihad* para restaurar os mandamentos de Deus na Terra e vingar a honra violada e o sangue derramado dos sírios. Desde sua aparição em 2012, a al-Nusra executou diversos ataques contra alvos estratégicos do governo, incluindo a tomada de pontos-chaves, como uma base aérea no norte do país. O grupo é considerado terrorista pelos Estados Unidos. Desde 2013, a organização foi filiada à Al Qaeda, que a considerava sua única representante na Síria. No entanto em setembro de 2016, seu líder, Al Golani, anunciou a separação entre Al Qaeda e a Al Nusra, em suas palavras:

Preservaremos a jihad e continua-

remos protegendo-a. A comunidade internacional, com Rússia e Estados Unidos na liderança, bombardeia os muçulmanos do levante (Síria) com o pretexto de nos golpear, que respondemos à Al-Qaeda. Por isso, decidimos interromper nossas relações com a Al-Qaeda e rebatizar a Nusra”. Todavia o grupo mantém seus objetivos de aplicar a religião de Alá, estabelecer a sharia (lei islâmica) e levar a justiça aos povos, unificando as facções de mujahidins para libertar o levante”. O grupo passou a se denominar Fatah al Sham Front.<sup>11</sup>

Os curdos são a maior etnia sem território próprio, por isso, é natural que uma das reivindicações do grupo seja a constituição do Curdistão que ultrapassa diversas fronteiras o que implicaria na perda de território por parte de outros países. A reivindicação por autonomia enfrenta grande oposição da Turquia, país que possui a maior concentração de curdos do mundo.<sup>12</sup> Na Síria, a área curda é conhecida como Rojava, situa-se no norte do país, na fronteira com a Turquia, e abriga mais de 300 mil curdos-sírios que se dividem em mais de 30 facções. A região está sob o controle do Partido da União Democrática (*Partiya Yekîtiya Demokrat* – PYD em curdo) desde 2012, e se opõe ao presidente Bashar al-Assad. O braço armado do partido são as milícias Unidades de Proteção Popular (*Yekîneyên Parastina Gel* – YPG, em curdo), considerada a força síria mais efetiva na luta contra o Estado Islâmico. Além disso, o PYD é filiado ao Partido dos Trabalhadores Curdos da Turquia. O Estado Islâmico também se opõe aos curdos, que por sua vez têm o apoio dos Estados Unidos e também da Rússia.<sup>13</sup>

As elites tribais também são importantes atores no jogo geopolítico, todavia seus objetivos são mais lo-

calizados, e se contrapõem entre si, visto que as lideranças se dividem entre xiitas e sunitas. Enquanto os xiitas se preocupam em conter as ameaças dos extremistas sunitas, as tribos sunitas tem como objetivo manter seu controle territorial. Além disso, eles têm apoios internacionais diametralmente opostos. Os xiitas são apoiados pelo Irã, e os sunitas pela Arábia Saudita.

A atuação do Estado Islâmico no cenário da guerra civil síria ganhou projeção em 2014, quando o grupo se aproveitou do caos e tomou controle de grandes áreas na Síria e no Iraque, proclamando a criação de um califado. O principal objetivo do grupo era expandir o califado, para assim manter a sua capacidade de operar no território sírio. No ápice do avanço territorial, o grupo chegou a controlar um área que englobava cerca de 10 milhões de pessoas. A cidade de Raqqa foi escolhida como sede do autoproclamado califado.<sup>14</sup> As coalizões internacionais, lideradas principalmente por Rússia e Estados Unidos, com o apoio de diversos países como Turquia, Egito, Emirados Árabes Unidos, França, Espanha, dentre outros iniciaram diversas operações contra o grupo. Apesar de apoiarem lados diferentes na guerra civil, ti-



Parte destruída da cidade de Raqqa.

nam o comum objetivo de destruir o Estado Islâmico. Em outubro de 2017, Raqqa, a capital do califado, foi retomada dos militantes, bem como a cidade de Mosul, o maior reduto dos extremistas no Iraque, deixando sob o controle do grupo apenas vilarejos à margem do Rio Eufrates.<sup>15</sup> Tais conquistas representaram o final derradeiro da luta contra o grupo, apesar dele ainda manter certa capacidade de operação.<sup>16</sup>

### SISTEMA INTERNACIONAL E INFLUÊNCIAS

Alguns consideram o conflito sírio como uma nova Guerra Fria, exatamente pelas influências e interesses contrários dos Estados Unidos e da

Rússia. No entanto, outros países influenciam na guerra e se dividem entre os blocos de apoio e oposição ao governo de Assad, como a Turquia, Arábia Saudita, França, Reino Unido, Irã, Qatar e outros Estados árabes.

A oposição ao governo sírio se resume aos países de maioria sunita, como Arábia Saudita, que faz parte da coalização contra o Estado Islâmico liderada pelos Estados Unidos. O governo saudita já deixou claro que é de extrema importância retirar Bashar al-Assad do poder. Dessa forma, a Arábia Saudita, é um dos maiores fornecedores para os rebeldes, inclusive para grupos mais radicais, diferente da postura dos EUA.<sup>17</sup>

Por outro lado, há países como o Irã, de maioria xiita, que se alinham à Rússia no apoio do governo sírio. Para os iranianos, a manutenção de Assad é chave para frear a influência de seu rival na região, os sauditas. Nesse sentido, o Irã se colocou contra os insurgentes sunitas que se opõem ao governo de Assad.<sup>18</sup>

A atuação da Turquia no conflito é delicada, complexa e algumas vezes controversa, porque além de fazer fronteira com a Síria, a questão curda influencia decisivamente em seus interesses. Como país de maioria sunita, a Turquia apoiou grupos rebel-



Tropas Curdas após capturar a cidade de Raqqa.

des contra o governo de Assad desde o começo do conflito. O país acolheu ainda vários opositores de Assad. Além disso, o governo turco lançou ataques aéreos contra militantes curdos no norte do Iraque, perto da fronteira com a Síria, que tinham, inicialmente como alvo o EI, que também é inimigo dos curdos.<sup>19</sup> Desde 2016 os turcos já consideravam necessário desencadear operações terrestres na Síria, principalmente na área de fronteira entre os dois países, com o objetivo de infiltrar as linhas das milícias curdas e criar uma “zona tampão” na fronteira. Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos também apoiam esse tipo de operação. Pela falta de apoio ocidental a ideia ficou em *stand by* até o início de 2018, quando a Turquia iniciou a Operação Ramo de Oliveira, com exército realizando uma incursão terrestre no norte da Síria, atacando milícias curdas apoiadas pelos EUA.<sup>20</sup>

Vale a pena lembrar, que todos os países apresentados aqui se opõem de algum modo ao Estado Islâmico e praticamente todos eles operaram contra os extremistas. A coalizão liderada pelos EUA apoia os rebeldes e os curdos tanto na luta contra o governo, como contra o EI. A Rússia apoia as forças leais a Assad e grupos que lutam contra o Estado Islâmico.

## INTERVENÇÃO E INTERESSE INTERNACIONAL

O conflito sírio é alimentado internacionalmente. Desde o seu início diversas medidas foram tomadas por países estrangeiros. Os EUA impuseram diversas sanções ao governo sírio. A União Europeia baniu a importação do petróleo e também embargou venda de armas para o país. A Liga Árabe, ainda em 2011, pediu o fim imediato da violência na Síria e alguns meses depois o país foi bani-

do da Organização. No mesmo ano, a Turquia declarou rompimento do diálogo com a Síria. Em março de 2012, um enviado especial da ONU foi até Damasco para discutir maneiras de acabar com a violência, sem resultado. A hostilidade se manteve, e em diversos momentos foram evidenciados picos de violência com massacre de civis, como em agosto de 2013 quando um ataque químico nos arredores de Damasco deixou centenas de mortos.<sup>21</sup>

O episódio do ataque químico quase deu origem a uma intervenção estrangeira no país. Entretanto, o presidente russo, Vladimir Putin, propôs o controle internacional das armas químicas e o governo sírio assinou plenamente o tratado global contra armas químicas e se comprometeu a entregar seu arsenal para destruição.<sup>22</sup>

Diversos interesses dos principais atores internacionais influenciam diretamente o conflito interno sírio, principalmente dos Estados Unidos e da Rússia. Por um lado, Putin não esconde que o objetivo principal de seu país no conflito é estabilizar as autoridades legítimas, historicamente aliadas de Moscou, ou seja, governo de Assad.<sup>23</sup> Enquanto isso, os Estados Unidos de Trump sinalizam que retirar Assad do poder não seria uma prioridade, como era no governo Obama. Apesar de ataques retaliatórios à posições militares sírias pelo uso de armas químicas, Trump encerrou o programa da Agência de Inteligência Americana (CIA) de apoio a grupos armados que ocorria desde 2013, o que representa uma perda significativa para a oposição.<sup>24</sup> Esta postura pode favorecer as negociações políticas.

Em relação à Rússia, a investida na Síria fortalece internamente Putin e

seu projeto de retomar o legado perdido após o colapso da União Soviética. Os objetivos externos estariam ligados a:

- opor-se à tentativa ocidental de desestabilizar o Oriente Médio por meio da exportação de revoluções que se dizem democráticas;
- aproveitar que o Oriente Médio vive em um momento de transição, pela mudança de postura da política estadunidense na região. A postura norte-americana de equilibrar a tensão entre Irã e Arábia Saudita, muitas vezes optando por não tomar atitudes, deixa alguns líderes árabes descontentes com a aliança com os EUA. Portanto, com essa lacuna a Rússia busca demonstrar força para se posicionar como uma potência capaz de interferir na região;
- outro objetivo seria contornar o isolamento internacional da Rússia devido à crise na Ucrânia. Putin vem tentando reduzir as tensões na região, ao mesmo tempo que busca um acordo diplomático e militar com os EUA para combater ao Estado Islâmico.<sup>25</sup>

Além disso, a Rússia deixa claro que o interesse principal na Síria não é perpetuar poder de Assad, mas sim garantir a unidade do Estado sírio.<sup>26</sup> Dessa forma, “a atuação russa na crise da Síria em se contrapor a medidas multilaterais contra esse país, refletem não apenas interesses materiais estratégicos, mas sua relação histórica com o Ocidente”.<sup>27</sup>

Os principais interesses dos EUA estariam relacionadas com o conflito Israel-Palestina e com questões econômicas. Estrategicamente a Síria apresenta um importante papel nessa questão pois não é aliada de Israel, mas sim do Irã, que utiliza o

território sírio para enviar armas ao Hezbollah no Líbano e ao Hamas na Palestina.<sup>28</sup>

Além disso, ainda haveria a questão do gás natural e uma suposta proposta feita pelo Qatar ao governo sírio, e apoiada pelos Estados Unidos, de um gasoduto que passaria pela Síria para chegar na Europa. Assad, a pedido de Moscou, teria rejeitado a proposta para proteger os interesses russos, que são os maiores fornecedores de gás para os europeus.<sup>29</sup>

Alguns grupos rebeldes apoiados pelos Estados Unidos, foram orientados a focar suas ações contra o Estado Islâmico. Todavia, para os grupos rebeldes que se encontram na zona de combate, o objetivo principal continuou sendo derrubar o governo sírio.<sup>30</sup>

## NEGOCIAÇÕES DE PAZ

O processo de paz na Síria começou em 2012, quando o então Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan, lançou o Plano de Paz dos Seis Pontos.<sup>31</sup> Todavia, as negociações propriamente ditas se iniciaram efetivamente em 2014 em Genebra, em um encontro entre representantes do governo e da oposição, apoiado e mediado pela ONU. Segundo o Escritório das Nações Unidas em Genebra (UNOG, sigla em inglês), as negociações não foram efetivas e acabaram suspensas. Quando foram retomadas no início de 2016, duraram apenas quatro dias, e foram novamente suspensas após a ONU ter enviado um agente especial para a Síria. O ápice das negociações aconteceu a partir de um acordo bilateral entre Estado Unidos e Rússia, ao estabelecerem um cessar-fogo, em meados de 2017. Contudo, violações a essa trégua se tornaram comuns, o que dificulta as conversas em Genebra.<sup>32</sup>

As negociações foram reiniciadas em diversos momentos e passaram por várias reuniões e etapas, visto que a violência e o problema no fornecimento ajuda humanitária no terreno continuavam. Atualmente, as negociações se encontram em uma nova rodada de diálogos, mas não foi possível alcançar os objetivos principais de redigir uma nova Constituição, estabelecer uma transição política e marcar eleições.<sup>33</sup>

Segundo a UNOG,

Conforme exigido pela Resolução do Conselho de Segurança 2254 (2015), as negociações se concentram na governança, um cronograma e processo para redigir uma nova constituição e a realização de eleições como base para um processo de propriedade da Síria, liderado pela Síria, para acabar com o conflito. As discussões incluem estratégias de combate ao terrorismo.<sup>34</sup>

Um dos principais entraves às negociações são os interesses contrários do países presentes. Os Estados Unidos e a União Europeia, por exemplo, exigem a deposição do presiden-

te Assad, enquanto a Síria se recusa a negociar enquanto o futuro político do presidente Bashar al-Assad for pauta de discussão.<sup>35</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo o Centro Sírio de Pesquisa Política mais de 470 mil pessoas morreram nos primeiros 5 anos de conflito, além de mais de 1,9 milhão de feridos. Ou seja, número de afetados diretamente pela guerra representa 11% da população do país. Ainda, 70 mil pessoas teriam perecido por não ter acesso à água, comida ou cuidados médicos, como veiculado na reportagem realizada pelo jornal inglês *The Guardian*.<sup>36</sup>

Até 20 de julho de 2016, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), 4.819.494 pessoas foram forçadas a buscar refúgio desde o começo do conflito.<sup>37</sup>

Na guerra civil estão presentes diversos atores, inclusive internacionais, que influenciam diretamente o conflito e as negociações de paz. De maneira geral, o conflito na Síria teve forte influência dos movimen-



Enviado Especial da ONU para a Síria com o Secretário de Estado norte-americano e o Ministro de Relações Exteriores da Rússia em Genebra.

Scott Babby/VOA



Cidade de Aleppo após bombardeios.

tos reformistas que objetivavam a democracia no Oriente Médio. As manifestações se iniciaram ao sul do país e logo foram reprimidas violentamente pelo governo, movido pelo receio que o movimento crescesse no país como havia acontecido em outros Estados árabes. Entretanto, a repressão teve efeito contrário. As manifestações se intensificaram e atingiram os maiores centros urba-

nos do país, como a capital Damasco e a cidade de Aleppo. O governo respondeu com truculência, chegando a empregar unidades blindadas do Exército para combater os civis e cortar água e eletricidade. Com isso a violência aumentou, inclusive com a adesão militar. Os vários grupos que surgiram abrangeram desde seculares liberais e democráticos até extremistas. Adicionando complexidade

ao conflito os diversos sujeitos internacionais se envolveram por conta de seus próprios interesses políticos e estratégicos, aumentando as divergências e, por consequência, elevando os níveis de violência e a intensidade da luta, implicando em efeitos colaterais, principalmente humanitários, cada vez mais catastróficos e alarmantes.<sup>38</sup> Nesse quadro, o conflito completou 7 anos.

VOA

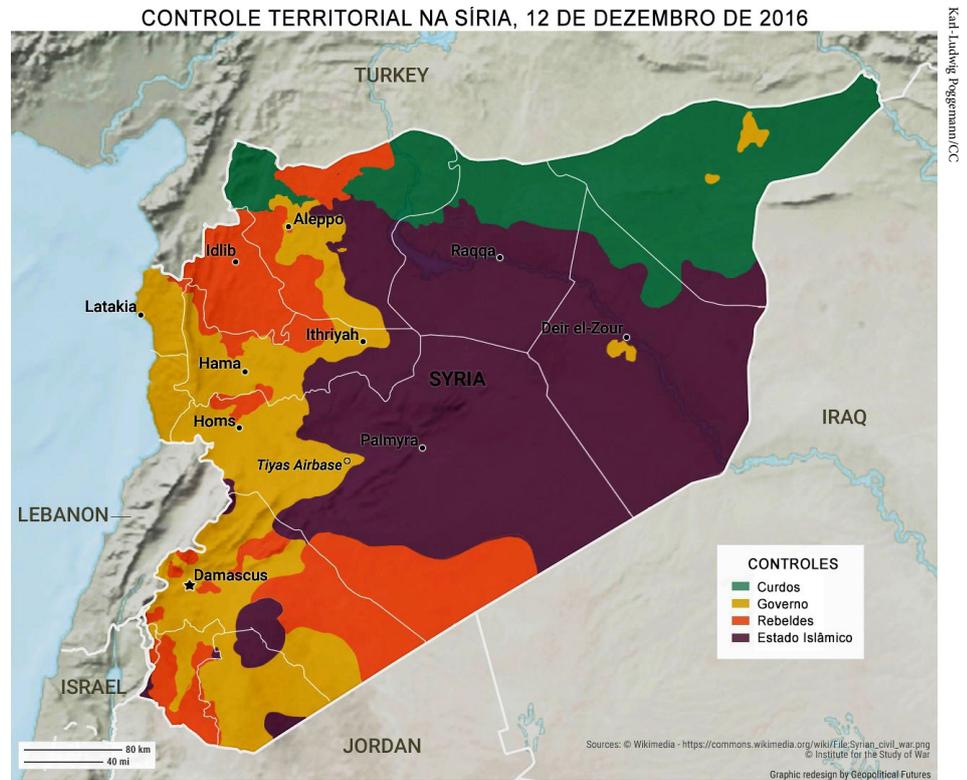


Combatente do Exército Livre da Síria em Aleppo.

A derrota e destabilização quase completa do Estado Islâmico é um passo para se alcançar o fim das hostilidades e da violência na Síria. Todavia, ainda há muitos aspectos que precisam ser resolvidos para que se consiga atingir a paz no país. O problema dos refugiados, o uso de armas químicas por parte do governo, a intervenção internacional polarizada por Estados Unidos e Rússia, o futuro de Assad, são alguns exemplos. A troca ou não no comando político do país ainda não está definida, basta observar as batalhas que ocorrem na região de Ghouta, planícies que contornam a cidade de Damasco, e

que servem como maior reduto para os insurgentes atualmente. Os embates mais violentos nessa região vêm acontecendo desde 25 de fevereiro de 2018, quando o governo iniciou uma investida, e já deixaram mais de 700 civis mortos, deslocaram mais 400 mil pessoas, e devastaram 76% das residências. Os rebeldes que lá estão, além de combaterem as forças sírias, também lutam entre si pelo comando de região, agravando a situação e dificultando o acesso de ajuda humanitária.<sup>39</sup>

Com isso, percebe-se que o conflito não será resolvido em curto prazo. E mesmo que se chegue a um acordo de paz, as ações de construção da paz demandarão muitos anos para que, dependendo de como sejam conduzidas, consigam levar a paz positiva ao país.



Controle Territorial na Síria (Dezembro de 2016).

<sup>1</sup> Discente do Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) - Campus de Marília, membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Conflitos Internacionais.

<sup>2</sup> SMITH, Dan. *O atlas do Oriente Médio: conflitos e soluções*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

<sup>3</sup> PEREIRA, Tito Lívio Barcellos. Os Guardiães da Pátria: O Exército Árabe da Síria e sua relação com o Povo e o Estado. *Revista de Geopolítica*, Natal, v. 5, n. 1, p.44-58, jul. 2014. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/view/97>>. Acesso em: 14 jul. 2016. OITO capítulos para entender a crise na Síria, que dura mais de 4 anos. BBC. 2015 <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151012\\_crise\\_siria\\_entenda\\_rb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151012_crise_siria_entenda_rb)>. Acesso em: 1 ago. 2016.

<sup>4</sup> ENTENDA a ‘mini guerra mundial’ que ocorre na Síria. BBC. 2016. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160216\\_siria\\_nova\\_guerra\\_tg](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160216_siria_nova_guerra_tg)>. Acesso em: 01 ago. 2016.

<sup>5</sup> ENTENDA a guerra civil da Síria. *GI*. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2013/08/entenda-guerra-civil-da-siria.html>>. Acesso em: 30 jul. 2016

<sup>6</sup> OITO..., 2015, op. cit.

<sup>7</sup> LIGA Internacional dos Trabalhadores. *Anotações sobre o Exército Livre da Síria*. 2016. Disponível em: <<https://litci.org/pt/mundo/oriente-medio-mundo/siria/anotacoes-sobre-o-exercito-livre-da-siria/>> Acesso em: 05 fev. 2018.

<sup>8</sup> OPOSIÇÃO armada síria forma Conselho do Comando Revolucionário. *Sputnik*, 2014. Disponível em <[https://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2014\\_12\\_02/Oposi-o-armada-s-ria-forma-Conselho-do-Comando-Revolucion-rio-4979/](https://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2014_12_02/Oposi-o-armada-s-ria-forma-Conselho-do-Comando-Revolucion-rio-4979/)>. Acesso em: 05 fev. 2018.

<sup>9</sup> ENTENDA quem luta contra quem na Síria. BBC, 2015. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151120\\_siria\\_entenda\\_tg](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151120_siria_entenda_tg)>. Acesso em: 30 jan. 2016.

<sup>10</sup> BENOTMAN, Noman; BLAKE, Roisin. *Jabhat al-Nusra Jabhat al-Nusra li-ahl al-Sham min Mujahedi al-Sham fi Sahat al-Jihad*. A Strategic Briefing. 2014. Disponível em <<https://web.archive.org/web/20140722191931/http://www.quilliamfoundation.org/wp/wp-content/uploads/publications/free/jabhat-al-nusra-a-strategic-briefing.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

<sup>11</sup> PROFILE Syria's al-Nusra Front. BBC. 2013. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-18048033>>. Acesso em: 29 jul. 2016; BBC, 2015, op. cit.; SÍRIOS da Frente Al Nusra deixam a Al Qaeda. *EBC Agência Brasil*, 2016. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2016-07/sirios-da-frente-al-nusra-deixam-al-qaeda>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

<sup>12</sup> SOARES, J. V.S.J; RIBEIRO, P. G; SOPRANI, C; JOMAA, H. J; SALCEDO, I.M.M; BERNARDES, D.Z. *A Questão Curda. Série Conflitos Internacionais*, Marília, V.4, n.1, 2017. Disponível em <<http://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/a-questao-curda.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

<sup>13</sup> ENTENDA..., 2015, op. cit.

<sup>14</sup> RETOMADA de Raqqa representa o fim do Estado Islâmico. BBC, 2017. Disponível em <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-41664071>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> RUIC, Gabriela. Estado Islâmico é derrotado em Raqqa, a sua “capital”. *Exame*, 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/estado-islamico-derrotado-em-raqqa-a-sua-capital/>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

<sup>17</sup> ENTENDA..., 2015, op. cit.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> OITO..., 2015, op. cit.

<sup>20</sup> EXÉRCITO turco inicia ofensiva terrestre na região síria de Afrin. *Folha de S. Paulo*, 2018. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/01/1952174-exercito-turco-inicia-ofensiva-terrestre-na-regiao-siria-de-afrin.shtml>>. Acesso em: 21 fev. 2018. SIZA, Rita. Turquia reúne apoios para operação militar terrestre na Síria. *Público*, 2016. Disponível em <<https://www.publico.pt/2016/02/16/mundo/noticia/turquia-reune-apoios-para-operacao-militar-terrestre-na-siria-1723530>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

<sup>21</sup> RIEDIGER, Bruna Figueiredo. A Posição Brasileira Frente ao Conflito na Síria (2011-2013). *Conjuntura Austral*. Porto Alegre, v. 4, n. 20, p.35-52, nov. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/43390>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

<sup>22</sup> REIS, Ulisses Levy Silvério dos; MEDEIROS, Robson Antão de. O Conflito Armada Sírio à Luz das Armas Químicas: Perspectivas para o Conselho de Segurança da ONU. *Nomos*. Fortaleza, v. 35, n. 2, p.351-370, dez. 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/nomos/article/view/2515>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

<sup>23</sup> LIMA, José Antonio. O que motiva a ação militar da Rússia na Síria? 2015. *Carta Capital*. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/o-que-motiva-a-acao-militar-da-russia-na-siria-2373.html>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

<sup>24</sup> TRUMP encerra apoio dos EUA a rebeldes anti-Assad na Síria, diz jornal. *Folha de S. Paulo*, 2017. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/07/1902591-trump-corta-apoio-da-cia-a-rebeldes-anti-assad-na-siria-diz-jornal.shtml>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

<sup>25</sup> LIMA, 2015, op. cit.

<sup>26</sup> Idem, p.1.

<sup>27</sup> GAMA, Isabela de Andrade. *As motivações russas para sua atuação na Síria: A identidade Russa em questão*. Rio de Janeiro: PUC, 2013. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrases.php?open=1&arqtese=1111717\\_2013\\_Indice.html](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrases.php?open=1&arqtese=1111717_2013_Indice.html)>. Acesso em: 09 ago. 2016.

<sup>28</sup> DOSSIÊ Síria: toda verdade e os interesses americanos. *Pequena dúvida*. 2013. Disponível em : <<https://pequenaduvida.wordpress.com/2013/09/11/dossie-siria-toda-verdade-e-os-interesses-americanos/>> Acesso em 05 fev. 2018.

<sup>29</sup> PIPELINEISTAN conspiracy: why war Syria was never about gas. Middle East Eye. 2017. Disponível em : <<http://www.middleeasteye.net/essays/pipelineistan-conspiracy-why-war-syria-was-never-about-gas-144022537>> Acesso em 05 fev. 2018.

<sup>30</sup> KIMBALL, Spencer. O dilema americano na Síria. 2015. *Carta Capital*. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/o-dilema-americano-na-siria-269.html>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

<sup>31</sup> UNOG - United Nations Office at Geneva. *Intra-Syrian Talks*. 2016. Disponível em: <[https://www.unog.ch/unog/website/news\\_media.nsf/\(httpPages\)/E409A03F0D7CFB4AC1257F480045876E?OpenDocument](https://www.unog.ch/unog/website/news_media.nsf/(httpPages)/E409A03F0D7CFB4AC1257F480045876E?OpenDocument)>. Acesso em: 30 jan. 2016.

<sup>32</sup> SANCHÁ, Natalia. Entra em vigor o cessa-fogo na Síria acordado por EUA e Rússia. *El País*. 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/09/internacional/1499592837\\_117468.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/09/internacional/1499592837_117468.html)>. Acesso em: 05 fev. 2018.

<sup>33</sup> GOVERNO sírio e oposição retomam negociações de paz em Genebra. *G1*, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/governo-sirio-e-oposicao-retomam-negociacoes-de-paz-em-genebra.ghtml>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

<sup>34</sup> UNITED Nations Office at Geneva, op. cit., tradução nossa.

<sup>35</sup> SÍRIA: retomam negociações de paz. *RFI*, 2017. Disponível em: <<http://pt.rfi.fr/mundo/20171128-siria-retomam-negociacoes-de-paz>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

<sup>36</sup> REPORT on Syria conflict finds 11.5% of population killed or injured. *The Guardian*. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2016/feb/11/report-on-syria-conflict-finds-115-of-population-killed-or-injured>>. Acesso em: 1 ago. 2016.

<sup>37</sup> UNCHR. *Syria Regional Refugee Response*. 2016. Disponível em: <<http://data.unhcr.org/syrianrefugees/regional.php>>. Acesso em: 29 jan. 2016.

<sup>38</sup> PEREIRA, 2014, op. cit.

<sup>39</sup> QUAIS grupos estão se enfrentando em Ghouta Oriental, na Síria. *R7 Internacional*, 2018. Disponível em<<https://noticias.r7.com/internacional/quais-grupos-estao-se-enfrentando-em-ghouta-oriental-na-siria-07032018>>. Acesso em: 10 mar. 2018. FORÇAS sírias dividem Ghouta Oriental em três. *Carta Capital*, 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/internacional/forcas-sirias-dividem-ghouta-oriental-em-tres>>. Acesso em: 10 mar. 2018.



*Série Conflitos Internacionais* é editada pelo Observatório de Conflitos Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Marília – SP

Editor: Prof. Dr. Sérgio L. C. Aguiar  
Layout: Paula Schwambach Moizes  
ISSN: 2359-5809  
Comentários para: [oci@marilia.unesp.br](mailto:oci@marilia.unesp.br)  
Disponível em: [www.marilia.unesp.br/#oci](http://www.marilia.unesp.br/#oci)

*Série Conflitos Internacionais* mais recentes:

- O conflito armado em Darfur - Sudão V. 3, n. 5
- A Somália e o Al Shabaab V. 3, n. 6
- A questão curda V. 4, n. 1
- O atual conflito no Sudão do Sul V. 4, n. 2
- O conflito na Costa do Marfim e as missões de paz da ONU V. 4, n. 3
- Afganistão: a continuidade do grande jogo V. 4, n. 4
- Minustah: treze anos de presença internacional no Haiti V. 4, n.5
- Guerras civis na Libéria e as operações de paz da ONU V. 4, n. 6